

# I

**P**ouco antes que esta história começasse, a revista *Cosas* publicou uma foto minha na seção “Mundo Social”.

Era uma foto retangular que atravessava a página de um lado a outro. Eu enfrentava a câmera com um sorriso. Tinha a cabeça erguida, um paletó resplandecente, alguns dedos pousados no ombro de minha bela esposa, Claudia. Eu saí bem na foto, com essa mescla de espontaneidade e elegância que alguns de nós sabem aparentar quando há um fotógrafo por perto. A gravata bem-posta, o cabelo cuidadosamente revolto e a aliança de um casamento de 15 tranqüilos anos envolvendo o anular. Junto a mim, Claudia, meu sócio Eduardo e sua esposa, Milagros..., os quatro juntos encarando a lente, condecorados com copos de uísque, envoltos na carinhosa arrogância de nossos sorrisos, como se acabássemos de receber o prêmio de casais mais felizes da noite.

Um dia, enquanto tomávamos café-da-manhã, Claudia passou-me a revista com a foto. Minha cunhada ligou um

pouco depois para o escritório. “Vocês saíram ótimos”, declarou. Envaidecia-me, mas não me surpreendia que a foto fosse maior do que as outras daquela página.

Naquela época, eu aparecia muito, e creio que sempre bem. Os dados de uma vida estavam, por assim dizer, a meu favor. Tinha 42 anos. Ganhava 9 mil dólares mensais. Pesava 80 quilos, um bom peso para meu 1, 82 m. Passava uma hora por dia na academia. Era, além disso, sócio de um escritório de advogados que mantinha um grupo de cem bons clientes. Tinha muito trabalho no escritório, mas também muita ajuda. Nessa época, um dos meus amigos disse, em tom de acusação, que me via cada vez mais satisfeito.

Ser advogado sempre foi minha vocação. No colégio, escrevi certa vez um ensaio chamado “O Direito na Vida Cotidiana”. A idéia principal do texto era de que qualquer relação social, inclusive as de amor e amizade, baseava-se em um pacto tácito. Pais, filhos, maridos, namorados, amigos, irmãos chegam, sem explicitá-los, a acordos sobre seus comportamentos. Os hábitos estabelecem tais acordos. Se alguém rompe o contrato estabelecido, se alguém se comporta de um modo distinto daquele assumido até então, trai a promessa feita à relação, quer dizer, rompe seu contrato. O Direito baseia-se nas relações humanas. Ou pelo menos era o que eu pensava naquela época. Quando criança não me interessava apenas pelo Direito. Fantasiava também com a idéia de escrever. Uma vez escrevi uma novela de aventura e romance.

Há algumas semanas tenho pensado em minha vocação frustrada de escritor.

Tenho pensado nisso agora porque me veio a vontade de contar esta história. Não sei por quê. O fato de não ver a cara de quem vai ler isto (há um autor contratado para colocar seu maldito estilo e seu nome neste livro) me serve de proteção.

Vou me chamar Adrián Ormache. Alguns, no entanto, vão adivinhar quem sou. Vão nos reconhecer, a mim e à minha esposa, Claudia. Minha esposa Claudia. É curioso chamá-la assim. Como a uma estranha. Seu nome ondulante lembrou-me a forma de um arco-íris, pelo menos foi o que lhe disse no dia em que a conheci, em uma festa, há vinte anos – o galanteio era uma bobagem, mas a fez rir.

Na época em que esta história começou, Claudia era uma companheira exemplar. Vestia-se bem, acompanhava-me aos coquetéis e era amiga das esposas dos outros advogados.

Você não poderia ter uma esposa melhor, dizia minha sogra. Tinha razão. Com suas roupas e seus modos, Claudia sempre causava boa impressão em amigos e conhecidos. Organizava grandes e excelentes jantares em casa, com mesas povoadas de travessas de carne, saladas e sobremesas. Os advogados importantes – os Muñiz, os del Prado, os Rodrigo – ficavam até tarde em minha casa e sempre se despediam com abraços. O mesmo acontecia com alguns políticos: Ferrero, Lourdes Flores, o próprio Belaúnde algumas vezes. Eram todos bons amigos.

Gostava que minhas filhas os vissem em nossa casa. Temos duas filhas bastante adoráveis (é a palavra que me ocorre agora ao mencioná-las).

Hoje, a mais velha, Alicia, estuda Direito na Universidade Católica. Está felizmente segura de sua vocação. Vai ser advogada, como eu. É uma moça inteligente e bonita (não estou dizendo isso só porque sou seu pai, é claro). Está naquela idade em que pensa que sabe tudo, mas é sempre amável e até carinhosa com os mais velhos. Tem, não me parece exagerado dizê-lo, uma inteligência superior. A mais nova, Lucía, é tão inteligente quanto a irmã. Lucía é uma menina sensível, de natureza sonhadora e com alguns temores naturais como medo de escuro e de aranha. Tem uma imaginação exuberante e uma necessidade de carinho que faz com que me conte histórias e gracinhas, uma atrás da outra. Com seus olhos verdes, cabelo sedoso e pernas compridas, é uma das meninas mais lindas que já vi. Sua loquacidade é uma mostra dos esforços que sempre teve de fazer, na qualidade de filha caçula, para que sua presença sobressaísse na multidão das três figuras grandes da casa.

Lucía é uma grande aficionada de música e de guitarra, costuma se fechar no quarto com as amigas para ouvir os discos de Kurt Cobain. Quando completou 13 anos, comprei-lhe um baixo. Felizmente o instrumento não era barulhento demais. Além disso, nossa casa de 500 metros quadrados, em San Isidro, era suficiente para que todos nós, inclusive as duas arrumadeiras, a cozinheira e o chofer de Claudia, pudéssemos viver afastados do maravilhoso som de suas cordas.

Quando não estava com sua música, Lucía era uma grande companheira. Contava pequenas histórias, falava de proble-

mas seus e de suas amigas, pedia beijos e que a abraçasse. Esses abraços estão hoje entre minhas lembranças mais preciosas. Sinto falta desses momentos, pois penso que, à luz de tudo o que aconteceu, agora pertencem a um tempo remoto. Naqueles dias, minha filha abraçava outro homem, que desapareceu para sempre.

Minha esposa Claudia herdou da mãe a mestria para trocar fraldas, responder às perguntas e domesticar as queixas das meninas. Lia muitos livros sobre os comportamentos típicos dos períodos que vão dos 7 aos 10 e dos 11 aos 13 anos. Minha sogra educou suas filhas com equilíbrio e amor, despachando-as para o mundo com uma mistura de fortaleza, senso moral e razoável amor ao próximo. Claudia fazia o mesmo com Alicia e Lucía. Por outro lado, os acertos de sua educação apoiavam-se em nossa segurança econômica. Meu trabalho ia muito bem, graças às minhas boas relações com os clientes (é um modo de dizer). Além disso, meus sogros conseguiram amealhar uma fortuna no curso de muitos anos de trabalho em sua fábrica. Meu sogro era extravagantemente generoso na hora de convidar-nos a viajar de férias. Pagava os hotéis mais luxuosos, abria para mim uma conta no bar e comprava presentes para as meninas. As ilhas do Caribe estavam entre seus destinos preferidos e, como resultado, Claudia e eu ostentávamos um belo bronzeado no final de alguns invernos.

Raras vezes resisti às obrigações da vaidade. Gostava de ter uma casa elegante, uma mulher agradável, carinhosa e boa

anfitriã, filhas bem ajustadas e alunas aplicadas na escola. Gostava, não me envergonho em dizê-lo, de vestir-me bem. E, no entanto, aquilo que me agradava, às vezes também... Isto é, já então (e aquela época agora me parece tão remota...) uma espécie de pena me envolvia, um aperto na garganta, que impedia que me movesse, inclusive para as coisas mais rotineiras. Desde levantar-me de manhã, pentear-me e vestir-me até todo o resto: entrar no dia, entrar no ruído do dia, enfiar-me no corredor das obrigações, o esforço gradual de vestir uma roupa e barbear-me, e desenhar um corpo, e dar o primeiro passo em uma sala, convertido em um cavalheiro.

Talvez esse peso na pele, essa pena esparsa, desse lugar a meus sonhos. Não eram sonhos tristes, mas antes cenas iluminadas nas quais eu liberava meus desejos de fazer algo violento.

Um exemplo comum de um de meus sonhos naqueles dias. Estou nu. Percebo que estou na casa de meu sogro, no meio de um jantar elegante, é um banquete. Meu sogro olha para mim e sorri. Há muita gente engravatada, servindo-se de um bufê. De repente, tenho algo em minha mão. O que é? É uma garrafa de ketchup. Tiro a tampa e vou regando a mesa com o ketchup. O manto branco unta-se de vermelho. O sorriso abandona meu sogro, mas seus convidados celebram o que faço. Logo me dou conta de que não se trata de uma garrafa de ketchup. É uma pistola. Uma pistola. De modo que me parece muito natural usá-la. E vou disparando em cada um dos presentes, que morrem entre gargalhadas. Por último, dou um tiro em minha própria testa. Acordo. Fim do sonho.

Embora algo grotesca, a coisa não deixa de ser divertida.

Outro sonho recorrente. Dou um soco no queixo de meu sogro em sua casa, diante do aplauso de sua família. Ele volta a se levantar, e eu volto a lhe dar um soco. E assim várias vezes.

Esses impulsos eram como labaredas. Ficava espantado e ria de mim mesmo, quando me vinham. Porém, mergulhava nessas imagens com um certo gosto.

Creio que estou exagerando. Não é bem assim. Eu me sentia essencialmente confortável com a família, o trabalho, as pessoas conhecidas e amigas. Ficava à vontade também com meu sogro, que sempre me convidava para suas viagens (eu não aceitava muitas delas). Gostava de sentar na varanda de minha casa, diante da piscina. Sentia-me orgulhoso e satisfeito quando recebia os amigos. Não tinha motivo para fazer qualquer coisa contra as muralhas que me cercavam. Meu êxito era um sonífero. Devia continuar sempre assim. O brilho de minhas roupas era um reconhecimento que eu fazia a mim mesmo diante do mundo. Minha voz tão apurada e precisa dava um suave verniz às conversas (foi o que disse Claudia certa vez, num tom de admiração).

Até que tudo mudou em uma manhã de vários anos atrás, no dia em que morreu minha mãe. Sua morte foi, talvez, o grande acontecimento de minha vida.

Sua enfermidade foi longa e, quando o momento chegou, ela já o esperava havia tempos. No entanto, a notícia afundou-me numa tristeza da qual não vou me recuperar (e quem se recupera de alguma coisa, afinal?).

Na manhã em que Norma, sua enfermeira, ligou para dar a notícia, suas palavras foram caindo em cima de mim como golpes por todo o corpo. A senhora desmaiou, doutor, eu estava na cozinha, quando de repente ouvi um barulho, corri até o banheiro e encontrei-a no chão, encontrei-a ali, não sei o que fazer, ela tinha acabado de lavar as mãos. Ultimamente estava sempre se lavando.

Imaginei-a muitas vezes, sozinha na frente do espelho, olhando-se – sua bata azul, sua silhueta alongada, seus ombros altos – antes de cair no chão. Parece que ouço o barulho de seu corpo, um golpe seco primeiro e logo a queda dos braços e do tecido; e o silêncio até que fosse encontrada.

Quando cheguei à sua casa, foi apenas para vê-la tal como havia partido: um corpo vaporoso envolvido em sua bata, as pernas cruzadas sobre os ladrilhos, a boca suspensa em um gesto de assombro.

A escova, que saltou de suas mãos, estava em um canto. Naquele que foi seu último gesto de coqueteria com o mundo, minha mãe acabava de pentear-se. Era um cadáver atraente, pronto para receber as visitas do velório. Carreguei-a, tratei de falar com ela mas, embora minha experiência com a morte fosse escassa, percebi que não tinha comigo um corpo, apenas um pedaço de carne. Seu rosto estava como que enfeitiçado. Quando chamei uma ambulância, foi apenas para seguir os trâmites, o gesto mecânico da esperança. Parece que ainda sinto o tecido de sua bata nas mãos, os resquícios de tepidez de sua pele, a palidez fúnebre de suas faces. Mesmo tendo se passado vários anos, a dor que ainda não me deixou e a admiração

que sentia, que sinto por ela..., a admiração, o amor, a gratidão que sinto por ela, a gratidão, quem sabe, é uma maneira de dizer..., tudo isso me acompanha.

Minha mãe teve uma presteza estratégica para morrer, nada de rituais ou despedidas, nem declarações, nem reuniões familiares. Tinha o testamento pronto desde muito antes. De vez em quando, sem drama, em voz baixa, ia me deixando pequenos encargos.

“Pode ficar com o que quiser de minha roupa e meus sapatos. O resto daremos à paróquia que os carmelitas têm em Sicuni. Deixo-lhe o relógio grande de mogno de minha casa. Pode levá-lo quando tudo acabar.”

Nunca eram declarações dramáticas. Sempre instruções pontuais ao entrar no carro ou, em uma conversa telefônica, pouco antes de despedir-se. Não fale assim, dizia eu, antes que ela mudasse de assunto. Já o tinha feito. Estava muito tranqüila.

Claudia esteve a meu lado na clínica e na funerária. Com sua ajuda, avisei os parentes. O mais importante e distante deles era, é claro, meu irmão Rubén, que vivia em Nova Jersey.

Assim, depois de vários anos, tornei a vê-lo.

Meu irmão Rubén. Naquela tarde, no aeroporto, esperando por ele, era como se a dor me distraísse. A pista esburacada, os taxistas ansiosos e os guardadores imundos que suplicavam que os deixasse lavar o carro...

Quando Rubén saiu da alfândega, aproximei-me para dar um abraço.

A prematura barriga pendente, o esboço de papada e os dentes grandes. Seu ventre que os prazeres do sucesso em Nova Jersey tornaram pesado. Durante o caminho do aeroporto à igreja, Rubén recordou em voz alta algumas cenas com mamãe. Sua voz atropelada e alta, alquebrada de soluços. Não consigo esquecer mamãe, não consigo esquecê-la, ouça, parece que está falando comigo, parece que posso vê-la. Todas essas lembranças que me vêm à cabeça. Quando me fez aquela torta com morangos desenhados dizendo “Rubén”, quando quebrei a perna e ela ficou ao meu lado, segurando minha mão, quando ia me pegar na escola para tomarmos um lanche. Que mãe faz isso?

Sentado no carro a meu lado, de vez em quando Rubén erguia as mãos e explodia em gritos.

Chegamos ao velório na igreja de Fátima. Ao ver o ataúde, abraçou-se à madeira, tocou seu rosto e chorou. Primeiro em voz alta, logo aos gritos. Alguns parentes se aproximaram, dando tapinhas em suas costas e abraçando-o.

Durante a noite, sentou-se e ficou a meu lado para receber condolências. No dia seguinte, acompanhou comigo o cortejo, na primeira fila. De quando em quando, enxugava as lágrimas. Último a deixar o velório, foi o primeiro a chegar no dia seguinte. Enquanto isso, passei a noite repetindo aos amigos e parentes a mesma ladainha de frases: obrigado por vir, muito obrigado, foi de repente, bem, ela estava com câncer, mas foi uma parada cardíaca.

Claudia esteve todo o tempo junto a mim, salvo quando levou Lucía, que chorava, para casa. Alicia estava mais inteira. Eu via todo mundo a distância: amigos, colegas, parentes em grupos, conversando, sorrindo, perguntando. Eu os via de dentro da minha dor e minha cortesia e meus abraços, como através de um vidro grosso. No final, depois de falar com tanta gente, meu corpo doía.

Tudo foi muito rápido: a lenta viagem ao cemitério, as últimas palavras do padre, a descida do caixão entre as flores. Em seguida, o caminho de volta, todos em procissão. Cumprimentei nesse dia gente que não via fazia anos... Todos os tios e primos, todos os amigos, todos os que aparecem para dar pêsames em um velório. Ninguém quer perder. É como uma festa. A homenageada era minha mãe, mas meu irmão e eu recebíamos os abraços.

Rubén tinha herdado a voz tosca, as mãos canalhas e o nariz tubercular de nosso pai. Era de certa forma a sua reencarnação. Parecia-se cada vez mais com ele: um gnomo que vai ficando parecido com o ogro que o engendrou. O rosto de meu pai, sempre reconstruído segundo os fragmentos das poucas vezes em que o vi: um terreno de pedras sobre o qual era difícil imaginar, algum dia, os dedos delicados de mamãe. Era como se ambos chegassem de extremos opostos. De um lado, os sussurros das canções de minha mãe para que eu adormecesse, a silhueta fina esperando por mim junto à mesa

do café-da-manhã. Do outro, as risadas de meu pai, sua voz pedregosa, os nós pelados de seus dedos.

Meu pai. Fiz tudo o que foi possível para afastar-me dessas poucas lembranças suas.

Sua morte deixou-me apenas um vago arrepio de lástima, uma dor imposta pela obrigação. No dia anterior, fui vê-lo no Hospital Militar. Encontrei-o apoiado nas grades da cama. Tinha a barba crescida, o pijama manchado, falava sem parar com um padre.

Naquele dia, quando me viu entrar, sentou-se, abriu os braços. Filho, você veio, porra, não posso acreditar, você chegou, finalmente. A voz rouca de papai, a voz de gritos curtos, as listras sujas do pijama, os olhos apertados, as mãos para o alto, eu não sabia o que responder, falava com as mãos para o alto, tantas coisas que eu fiz de errado, como é que não nos vimos mais vezes, e agora... tenho tantas coisas para contar, como estão as meninas?, bem?, sim, bem, ouça, hoje tenho algo para lhe contar, filho, olha, se alguma vez, quer dizer, você viu o Rubén?, não, não o vi, está certo, mas ouça, quero que saiba de uma coisa, tem uma moça, uma mulher que conheci um dia, quer dizer, não sei se conseguirá encontrá-la, procure se puder, lá, quando estava na guerra. Em Huanta. Uma moça de lá. Estou pedindo por favor. Antes de morrer.

Estava me dizendo algo assim quando uma enfermeira entrou com uma injeção, não, vá embora, estou falando com meu filho, uma mulher lá em Huanta, está certo, acalme-se e deixe que apliquem a injeção, papai.

Contaram-me que naquela noite brigou com as enfermeiras, com o médico do turno, chamou meu filho Adrián, dizia, quis arrancar a agulha do soro, quero que venha agora, nesse momento, até que se tranqüilizou de repente. No dia seguinte acordou, pediu o café-da-manhã e logo voltou a se deitar e assim permaneceu. Estava morto.

No velório, minha mãe e eu depositamos um ramo de flores, falamos com alguns amigos seus e fomos embora. No total, a visita não durou mais que uma hora. Além disso, acompanhei os trâmites do enterro e aceitei vagas cortesias de pêsames.

Minha mãe, de quem herdei o idealismo, a melancolia, o otimismo brilhante, a paixão pela música e pela leitura, cometeu o pecado derivado de todas essas virtudes. Sua inocência transtornou-a, de certo modo, perverteu-a. Seu primeiro, seu único contato com o mundo exterior foi o encontro com meu pai.

Minha mãe foi uma moça fina, doce e sonhadora que, logo depois de uma educação esmerada no colégio Belén, se encontrou, de uma hora para outra, em uma festa, com aquele cadete da Marinha, vestido em seu uniforme escuro e com suas insígnias. Segundo minhas tias, a pose de galã de meu pai – seu uniforme, a audácia vestida de bons modos, sua alegria insolente – criou uma ilusão de ótica na cabeça de minha mãe. Alucinou-a. O uniforme engalanado de meu pai jovem apareceu na porta de sua casa... Seguindo esse uniforme, minha mãe entrou em seu Chevrolet, ouvindo-o falar dos exercícios da Escola Naval... Olá, Beatriz..., estendeu a

mão para ajudá-la a descer..., está linda, princesa..., hoje mergulhamos no mar às seis da manhã e nadamos por duas horas..., que sensação ver o mundo lá de baixo, tanta vida marinha que se pode ver, um dia vou levar você comigo para explorar o fundo do mar.

De nada serviram os amuos de meu avô e a tristeza resignada de minha avó, que descansem em paz. Minha mãe decidiu casar-se com um oficial que lhe prometia uma vida de aventuras que ela, a seu ver, nunca havia tido.

O único mérito de meu pai foi ter organizado sua fachada de galanteios para ocultar quem era..., e foi o que fez até que se casaram, e minha mãe foi dormir com ele (creio que não contava com isso, vê-lo dormir a seu lado, vê-lo despertar). Então foram caindo sobre ela as noites de bebedeira, as madrugadas esperando sozinha, os gritos...

De acordo com a propriedade com que foi criada, minha mãe foi uma divorciada exemplar. Não falava mal do ex-marido, porque não falava nele. Tampouco aceitou sair com outros homens (embora não faltassem alguns galãs requentados em sua porta). Talvez seu silêncio fosse um reconhecimento da estupidez de sua ingenuidade. Quando o nome de nosso pai surgia de algum modo na conversa, ela sempre tinha à mão frases convenientes como “o que terá sido dele, espere-mos que esteja bem”. Umás poucas vezes enviou-lhe algum documento por um mensageiro.

Minha mãe entregou-se aos trâmites refinados de sua solidão – a música clássica na sala, as roupas brancas e azuis, a conversa com boas amigas. Contudo, confessou à minha tia

Flora que um ex-marido é uma maldição de que uma mulher não se livra jamais. Todos vão sempre dizer que esteve casada com ele. Não se consegue evitar nem isso.

Eu também não conseguia me livrar dele. No colégio, cheguei a vê-lo com alguma freqüência, muito menos nos tempos de faculdade e somente cinco ou seis vezes depois de seu retorno de Ayacucho, onde cumpriu vários “jacarés” (assim se chamam as temporadas em zona de guerra, explicou ele certa vez).

Com o tempo, fui-me submetendo ao fino, cauteloso menosprezo de minha mãe. Sua discrição era uma mostra de elegância, mas tinha também um fim prático. Minha mãe considerava, segundo me disse uma tia, que nos convinha manter o nome paterno em alta conta. Como não podíamos eliminá-lo, era melhor dar-lhe um certo lustro por meio de nossa própria conduta, convenientemente sublinhada por uma deliberada ingenuidade. Só uma vez, por insistência minha, falou de sua relação com ele. Olhe, creio que só me dei conta da pessoa que sou depois da separação, disse. Antes, sei lá, eu era muito ingênua, acreditava que tudo o que ia me acontecer seria uma maravilhosa aventura, nem sei bem o que estava pensando. Agora sei que estarei sozinha e, bem, tenho de aceitar, sabendo, porém, que tenho as minhas compensações. Pelo menos tenho vocês, tenho você, tenho Rubén, minhas netas tão lindas, tenho minhas amigas e, na realidade, não deixo de fazer coisas: o clube do livro, a roupa que tecemos para as crianças pobres, o grupo de música, os cartões que confeccionamos e tudo o mais. Minha vida é tão cheia,

Adrián, com vocês e com as meninas, se seu irmão escrevesse mais..., tudo seria perfeito..., bom, ele deve andar muito ocupado, eu suponho...

No mais, de vez em quando eu tinha algumas idéias próprias sobre meu pai. Às vezes, gostava de tecer fantasias e pensar que havia sido um grande militar, um herói da guerra com o Sendero, um tipo valente o bastante para ir a Ayacucho enfrentar um grupo organizado de homicidas. Quem faria algo assim?

Falei mais de uma vez com Alicia e Lucía, com certa estima e até mesmo com uma vaga admiração, de seu avô militar. Uma criança com um bom modelo familiar sempre tem mais certezas na vida, raciocinávamos Claudia e eu. Minha mãe, é claro, concordava. O mais importante é que as meninas sabiam que têm raízes sólidas, que as armas de que dispõem para a vida são resultado da tradição de sua família e de seu próprio esforço e disciplina, dizia Claudia. E seu pai, como todo militar, era um homem disciplinado, e isso com certeza tem lá o seu valor.

Assim, então, vivi durante muitos anos com a certeza de que meu pai esteve em Ayacucho lutando contra os terroristas do Sendero Luminoso, que fez alguma coisa para defender nossa pátria e que, por isso, lhe devíamos respeito.

Quando crianças, aliás, nós sempre o recebíamos com uma certa ilusão. Quando ele vinha nos ver, ele nos levava ao cinema, Rubén e eu, e para comer frango com batatas, que temperava com seus conselhos (é preciso trabalhar muito, viver na galhofa não leva a nada) e suas piadinhas infames (sabe o que um ovo disse para o outro?).

A sombra indolente e alegre de meu pai esvoaçava algumas vezes por aquela fortaleza de cujas janelas eu olhava o mundo. Desde muito pequeno, eu estava instalado e acomodado naqueles sólidos salões. Minha mãe não saía de seu castelo, confinada à sombra de seus pilares morais. A delicada coragem que ela mostrou em seus primeiros meses de divorciada forjou os cimentos desse edifício.

A estrada do matrimônio foi dura para ela, dizia minha tia Flora. Agüentou seu pai durante dois anos e meio. Nesse período, sempre preparou seu café-da-manhã e seu jantar, sempre o acompanhou às reuniões dos amigos militares, entregou-se com dolorosa ternura a seus dois partos e suportou com paciência a rotina de esposa calada. Tudo mudou na terceira vez em que ele chegou de madrugada. Naquele meio-dia, parou na frente dele na sala da casa, disse-lhe com sílabas impecáveis que seus hábitos de mulherengo e de jogador lhe davam asco e notificou-o de que estava formalmente excluído da casa e da família. Ele a ouvia abismado. Naquela mesma tarde, ela o viu partir, enquanto dava instruções precisas sobre sua mala, recém-feita por ela. Pouco depois, começou a trabalhar no escritório de meu tio Lucho.

Toda essa informação vinha de tia Flora, que do alto de sua solteirice militante, viveu as desgraças de minha mãe como quem assiste a uma novela, na qual ela era, ao mesmo tempo, espectadora privilegiada, narradora e personagem secundário.

Minha tia Flora informou-me de que a determinação de minha mãe (queria terminar de qualquer modo com seu pai) começou uns poucos dias depois do casamento (creio que ela

se deu conta ali mesmo). Depois da dor e da surpresa dessa descoberta, ela viu sua determinação crescer alimentada pelas torpezas e grosserias daquele homem à mesa e na conversa (como não percebi isso antes?, repetia). Tomou sua decisão no final do terceiro ano de casada. Com vocês dois pequenos, sua mãe ligou para o apartamento onde seu pai vivia desde a noite da separação, contou Flora. Vou lhe mandar os papéis do divórcio. Você vai estar em casa por volta das sete? Escute aqui, desgraçada, de mim você não se divorcia. Se quiser, podemos ir à justiça. E sua mãe respondeu: Vamos à justiça, mas, nesse caso, terei direito a uma pensão altíssima, você sabe. E em seguida disse com sua vozinha suave: Então, às sete horas mandarei um mensageiro com os papéis para você assinar. É melhor assinar, Alberto. Nisso você vai ter que me obedecer. Não se faça de machão, por favor, seria mais uma estupidéz de sua parte. Ela falou assim mesmo.

Graças ao divórcio, minha mãe recuperou as cores nas faces, dedicou-se com paixão orgulhosa a nos criar, Rubén e eu, e tirou de seu drama o proveito da dignidade. Mostrou ao mundo que era superior a seus acidentes. Sua coragem era consequência da tragédia de sua decepção. Não vê-lo, não ouvi-lo, não saber dele, vestir-se bem, manter o sorriso e a cabeça erguida, organizar reuniões para chás e música com suas amigas foram as senhas de sua elegância diante do fracasso. Sempre procurou estender essa elegância, em todos os sentidos, a nós. Aconselhava-nos a manter sempre a calma. Quando tiverem um problema, dizia, é preciso colocá-lo em contexto e analisar todas as soluções com cuidado antes de

optar por uma delas. O tema da roupa também era uma obsessão para ela. A roupa que uma pessoa veste é um reflexo de seu espírito, repetia inúmeras vezes. Uma das decisões mais constantes de minha mãe durante a nossa infância referia-se à compra de roupas finas. Muitas vezes, trazia paletós e camisas novas e gravatas da loja Harry's, em Miraflores. Eu as usava sempre, mas Rubén não se sentia à vontade naquelas roupas. Nunca se sentiu totalmente à vontade nos salões de tapetes brancos de nossa casa. Foi, assim que pôde, viver nos Estados Unidos. Desde que partiu, voltou muitas vezes, mas por temporadas curtas. E embora mal falasse nisso, minha mãe nunca deixou de suspirar por ele.

Felizmente, durante os dias que passou em Lima, não falei com meu irmão sobre isso. A tristeza de minha mãe era um tema que, a meu ver, ele não merecia.